

# **À SAÚDE DA ILHA DE MOÇAMBIQUE**

---

do Francisco Pires Keil Amaral ( Pitum )

**-Um texto para ser lido em Coimbra, em 12 de Março de 2020**

**-Um artigo publicado num jornal em Maputo, quando foi criada  
a Associação dos Amigos da Ilha de Moçambique, em 1983,  
com uma ilustração de Lira Keil Amaral.**



MSN 271

## **A ILHA DE MOÇAMBIQUE , E A COOPERAÇÃO COM A ESCOLA DE ARQUITECTURA DE AARHUS, DINAMARCA**

Após a independência de Moçambique, em 1975, convergiram para o novo país cooperantes de muitas nacionalidades, desejosos de contribuir para a sua consolidação e progresso. Ideologia política, solidariedade ou simples curiosidade pela experiência eram as suas principais motivações.

Na Direcção Nacional de Habitação, de que era director o Arquitecto José Forjaz, creio que chegaram a ser de dezanove países diferentes, principalmente europeus e sul americanos. ( Eu fui um deles )

Para nossa surpresa, numa situação de tantas e tão fortes carências de todo o género, o governo moçambicano entendeu como uma prioridade “ a salvaguarda dos testemunhos do passado com relevância para o futuro “, e nestes incluiu “os valores presentes na Ilha de Moçambique, e propor vias para a sua conservação e integração num processo de desenvolvimento”.

Desde 1977 que o Ministério da Educação e Cultura se esforçou pela preservação dos principais monumentos da Ilha, mantendo ali uma brigada para esse fim.

E, em 1980, foi criado um Gabinete de Conservação e Restauro que “ para além da direcção da brigada, iniciou investigações sobre o património edificado e o ambiente da cidade, com vista à planificação de uma intervenção futura em toda a Ilha”.

Foi então destacado, da Direcção Nacional de Habitação, o arquitecto dinamarquês Jens Hougard, que passou a residir permanentemente na Ilha e a orientar os trabalhos e estudos.

Em 1982 foi criada a Secretaria de Estado da Cultura, dirigida por Luis Bernardo Honwana, e que continha um Serviço Nacional do Património Edificado.

( Nesta data também, fui eu destacado para essa Secretaria de Estado e comecei a trabalhar no estudo da Baixa antiga de Maputo).

Foi então, em 1982, que o arquitecto Jens Hougard propôs uma colaboração com a Universidade de Aarhus, na Dinamarca, e a sua escola de Arquitectura, em cujo currículo consta uma visita de estudo e de trabalho a um país estrangeiro para os finalistas do curso de “Restauro e conservação de cidades e edifícios”.

Essas viagens dirigiam-se, normalmente, a países próximos, na Europa.

Ir até Moçambique constituía uma aliciante novidade.

Um acordo entre o Governo Moçambicano – que garantiu as estadias – e a Universidade dinamarquesa – que assegurou as viagens – permitiu concretizar esta experiência.

Assim, entre meados de agosto e meados de outubro de 1983 – dois meses – um grupo de 22 pessoas ( 6 professores e 16 finalistas de Arquitectura ) residiram na Ilha de Moçambique, num ambiente de grande satisfação, interesse, e conseqüente produtividade.

Acompanhados por técnicos ou funcionários locais, realizaram um levantamento abrangente e rigoroso do património edificado e tomaram conhecimento da história, da situação actual do país, e seus problemas, em particular na Ilha de Moçambique.

O que lhes permitiu, numa fase posterior, de novo na Dinamarca, propor sugestões para um “plano de ordenamento e uso dos espaços urbanos e dos edifícios”; fazer projectos-propostas para alguns edifícios ; um plano de melhoramentos para a “cidade de macuti”; e apresentar um programa de acção para o futuro.

Todo este material – desenhado, fotografado e escrito – foi concentrado num excelente relatório, editado em 1985.

Desta experiência, que tive o prazer de acompanhar durante um mês, recordo alguns aspectos para mim mais relevantes.

- a alegria, surpresa, entusiasmo dos participantes;
- o dinamismo e eficiência
  - .primeiro alterando logo o “horário de trabalho” previsto, para haver um maior rendimento, criando uma jornada única, no “campo”, das 7 da manhã às 4 da tarde, a que se seguia, depois, comer, nadar no mar, escrever... e pintar aguarelas, o que era obrigatório, diariamente, uma, pelo menos, por pessoa...
- o rigor nos métodos de levantamento desenhado de edifícios ou espaços Urbanos – exemplar para a formação dos técnicos locais.
- a prática de desenhar à vista e tomar notas manuscritas sobre todos os motivos de interesse – desde paisagens, edifícios, pessoas...até aos pratos típicos das refeições.
- o interesse pela cultura da população local.

Nota :

A pintura diária de aguarelas – de que o Professor Johannes Exner, mais idoso e chefe da equipa, era um verdadeiro mestre – daria como resultado matemático ( 22 pessoas vezes 60 dias) 1320 aguarelas !

Talvez não tenham sido tantas...mas foram muitas, e deram para encher uma igreja desactivada, numa bela exposição de despedida.

É difícil não ser seduzido pela Ilha de Moçambique.

São vários os factores que se condensam neste local e contribuem para nos cativar:

Uma ilha, o mar, as praias, o clima, a luz, até o som do vento nas árvores.

A História , o cruzamento de várias culturas, e os monumentos a elas ligados.

A própria urbanização, com a ilha-cidade dividida em duas partes : a de pedra e cal, e a de macuti, o bairro africano – preconizando o que seriam todas as outras cidades do país.

A influencia da arquitectura e construção europeia e da Índia, na cidade de pedra e cal.

A diversidade da população, com as suas tradições , festividades, roupas, costumes..

Os cultos religiosos - muçulmano e cristão, em tanta proximidade.

Os barcos, a pesca, os peixes, as conchas...

O melhor exemplo que posso dar desta atracção está bem perto de nós.

O Arquitecto Jens Houggaard , vindo da fria Dinamarca, foi para a Ilha de Moçambique há, exactamente, 40 anos...e não consegue deixar de pensar nela...

## A SAÚDE DA ILHA DE MOÇAMBIQUE !

No fim daquela reunião pública, deram-se vários vivas e, entre eles, naturalmente, um "Viva a Ilha de Moçambique" !

A noite, no final do jantar, alguém ergueu o copo, dizendo:  
- À saúde da Ilha de Moçambique !

Deitei-me cansado. O dia fôra quente e sobrecarregado de actividades. Adormeci logo mas, muito agitado, tive o seguinte sonho:

A Ilha era uma doente. Dera entrada no hospital e, para a tratar, tinham sido chamados especialistas de muitas partes do Mundo.

Os amigos da doente, preocupados, estavam reunidos na sala de espera, com caras sombrias, e trocavam em voz baixa aquelas palavras que se dizem sempre nestas ocasiões:

- Coitadinha...está mesmo mal !
- Tão bonita, e tão doente ...
- Quem a viu e quem a vê !
- Eu já dizia há tanto tempo que isto ia acontecer...

Os mais optimistas replicavam:

- Enquanto há vida há esperança !
- Com tantos médicos à sua volta, tudo se há-de compôr...
- Então...não desanimemos !

Lá dentro, os especialistas discutiam o que se havia de fazer.

- A situação é tão grave, que devemos enviá-la imediatamente para a reanimação.

- Estamos de acordo - disseram os restantes - a Ilha deve entrar já na reanimação.

.../...

- No entanto, caros colegas - disse um doutor jovem - convém não alimentar muitas esperanças: - o mal principal da Ilha, é a velhice. Ora para a velhice não há cura, como sabemos. - Sorriu-se. - Podemos atenuar-lhe os padecimentos, mas acabará por morrer, mais dia menos dia, como todos os velhos...

- O colega desculpe, mas não sou da mesma opinião - respondeu outro. - A Ilha é capaz ainda de demonstrar tanta vitalidade que isso prova que as células se reproduzem. E também não há sintomas de seilidade.

- No entanto, - disse um médico que tinha vindo de muito longe - Já ouço falar dos padecimentos da Ilha há tanto tempo, que não tenho dúvidas de que a sua doença é crónica e incurável...

- Não, não: - o mal é agudo - afirmou outro.

- Será, talvez, uma crise grave, mas debelável ?

As opiniões foram tomando formas mais concisas no seio da ilustre junta médica:

- Trata-se de um corpo mal constituído, com duas partes de qualidade muito diferente. Há uma parte mais robusta, mas a outra (a que chamam a ponta da Ilha) é muito débil e enfermiça. Para que esta não contamine a outra, a melhor solução será amputar...

- Por favor, caro colega, não exageremos ! Talvez seja suficiente isolar a parte nobre, conservando-a por meio de injeções de soro e balões de oxigénio...

- Prezados colegas: - reparem que as reacções psico-somáticas são muito mais fortes na parte que os senhores consideram mais depauperada ! Convém não esquecer isto . A Ilha é um corpo só, e o que nos preocupa é a sua saúde total ! Como é que podemos tratar apenas de meio corpo, se todo ele precisa de cuidados ?

- Nada de precipitações. Vamos, primeiro, examinar o paciente cuidadosamente, e estabeleceremos em seguida o diagnóstico ; e a terapêutica...

Puseram-se, então, a auscultá-la; a sentir-lhe as pulsações; a medir-lhe a tensão.

Fizeram várias radiografias, análises e outros testes.

Pediram-lhe que dissesse 33, 33, mas a Ilha estava realmente muito fraca, e não conseguia dizer mais do que 22.

(Por vezes faziam-lhe cócegas, e a Ilha ria-se daquilo tudo).

Finalmente, os especialistas, com as suas batas brancas, sentaram-se à volta duma mesa para deliberar. E ouvia-se, em voz abafada:

- Forte anemia. Fraca produção, em especial de glóbulos vermelhos...

- Decadência física acentuada...mas não há sintomas de fraqueza psíquica...

- Falta de vitaminas, proteínas...e outros géneros de primeira necessidade...

- Precisa temporariamente de apoios para poder recuperar....

- Alguns medicamentos estrangeiros podem ser de muita utilidade: - para fazer parar o mal e começar a recuperação...

- Mas a reacção à doença deve vir do próprio organismo doente...

- É preciso agir depressa, mas com cuidado. Medidas precipitadas podem ter efeitos imprevistos e contraproducentes...

.../...

- Tem o colega inteira razão !

- O caso talvez não seja tão sério como parece à primeira vista...

- As análises não são para desanimar...

E debruçavam-se todos sobre os papéis e as radiografias espalhados por cima da mesa...

Debruçavam-se...debruçavam-se...e a mesa parecia que descia,descia...Já estava mesmo ao nível do chão e as figuras de branco iam-se curvando,curvando...até que já estavam todas ajoelhadas e voltadas na mesma direcção !

Afinal não eram já médicos mas muçulmanos que oravam voltados para Meca !

A saúde da Ilha estava nas mãos de Alá ! Seria ?

Que sonha !

De repente,os fiéis levantaram-se e começaram a dispersar em pequenos grupos,mas já não eram muçulmanos afinal...eram jovens de bata branca,com livros debaixo do braço e caras bem dispostas e decididas :

- Nós somos estudantes...nós somos professores... Nós é que vamos dar vida à Ilha,com a nossa actividade,com a nossa vontade de viver !

E avançavam,falando animadamente...cantando,até que já não se distinguiam ao longe mais do que pequenas manchas brancas...

Mas esperem...afinal não são pessoas,mas velas de barcos,pequenos barcos de pesca que voltam do mar no fim da faina! Os pescadores mostravam o peixe que tinham apanhado,contentes,e diziam:

- Isto é que nos faz falta ! Com trabalho conseguiremos reanimar a Ilha e a nossa gente !

.../...

O peixe brilhava na areia branca, branca da praia do  
Celeiro . Até feria a vista !

Esfreguei os olhos .

O sol já ia alto, e uma parede branca reflectia a  
luz na minha cara.

O que eu dormira !

E que sonha aquele !

Tudo parecia tão verdadeiro !

O que pode passar pela cabeça de uma pessoa, quando  
se preocupa com **A SAÚDE DA ILHA DE MOÇAMBIQUE !**

